ISSN: 2358-8829

SABERES E TEATRALIDADES DOS QUINTAIS: MEMÓRIAS, BRINCADEIRAS E CRIAÇÃO COLETIVA NO BAIRRO BELA VISTA, JOÃO CÂMARA/RN

Eduardo Augusto Martins de Melo[1]
Rennê Costa Paulino[2]

[1] Pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGArC/UFRN) e-mail: eduardo.martins.082@ufrn.edu.br

[2] Graduando em Artes Visuais, bacharel em Ciências Econômicas e produtor cultural, e-mail: renne.costa.017@ufrn.edu.br

INTRODUÇÃO

Caríssimo(a) leitor(a), o presente artigo busca convidá-lo(a) à imersão acerca dos estudos e investigações no campo empírico dos quintais, que constituem espaços de convivência, experimentação e produção de saberes nos quais, experiências cotidianas se entrelaçam às memórias familiares, às práticas culturais e às formas de interpretar e expressar o mundo. Para além de sua dimensão física, os quintais podem ser compreendidos como territórios de criação simbólica, nos quais as crianças elaboram conhecimentos por meio das brincadeiras, das narrativas, das relações intergeracionais, da exploração dos objetos e das interações com o ambiente. Gestos, histórias, palavras, sons e movimentos participam da constituição de modos próprios de aprender, brincar e produzir cultura.

Este artigo constitui um desdobramento da comunicação aprovada no XII Congresso Nacional de Educação (CONEDU), vinculada à pesquisa Saberes e Teatralidades dos Quintais: estéticas, poéticas e pedagogias em estado de germinação, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A investigação analisa como saberes e práticas culturais vivenciados nos quintais de crianças, vinculadas ao Ponto de Cultura PETEC: Cultura Sustentável, localizado no bairro Bela Vista, em João Câmara, Rio Grande do Norte, são construídos nas relações entre gerações e participam do reconhecimento da cultura popular local. O bairro é considerado em sua configuração híbrida, entre dimensões urbanas e rurais, na qual convivem diferentes modos de vida, relações de vizinhança, narrativas e práticas culturais.

A pesquisa parte do entendimento de que os conhecimentos das crianças não se constituem exclusivamente nos espaços formais de ensino. Também se desenvolvem nas experiências compartilhadas com familiares, nas brincadeiras inventadas ou transmitidas entre gerações, nas histórias ouvidas e recontadas e nas relações estabelecidas com objetos e espaços de convivência. Em diálogo com Freire (1989), a experiência é compreendida como

ISSN: 2358-8829

parte da leitura que os sujeitos fazem do mundo, leitura que se relaciona à palavra, à memória e à possibilidade de atribuir sentidos à realidade.

A discussão mobiliza contribuições da arte-educação, dos jogos teatrais, do Teatro do Oprimido, da educação popular e de perspectivas críticas e contracoloniais. Barbosa (2014) contribui para pensar a leitura e a contextualização da arte; Boal (1975) permite compreender a imagem corporal como meio de expressão e elaboração coletiva; Lopes (1981) e Spolin (2001) oferecem referências para refletir sobre jogo, improvisação e criação teatral. Em diálogo, Santos (2023), Krenak (2019) e Munduruku (2012) ampliam a reflexão sobre território, oralidade, diversidade de conhecimentos e crítica às hierarquias culturais. Esses autores não são tomados como representantes de uma única perspectiva, mas como interlocutores distintos para pensar as relações entre experiência, cultura e educação.

A comunicação aprovada, inicialmente, apresentava um recorte metodológico de duas oficinas, no entanto, o desenvolvimento da investigação compreendeu a necessidade de oferta e investigação de cinco oficinas, realizadas entre setembro e outubro de 2026, aos sábados à tarde, com duração de quatro horas cada, no Ponto de Cultura do Projeto de Ensino Teatral na Escola e na Cidade: Cultura Sustentável (PETEC), em João Câmara/RN. O artigo considera a ampliação do percurso e analisa episódios que evidenciam as relações entre memória, brincadeira, objetos, corpo e criação coletiva.

A reflexão articula a noção de Quintal-Corpo, desenvolvida no âmbito da pesquisa mais ampla, à germinografia cultural e à sabedoria diagenésica, como referências autorais para acompanhar a emergência, o registro e a mistura de saberes que brotam das experiências das crianças. O quintal, nessa perspectiva, não é apenas cenário ou lugar físico: é experiência que se inscreve nos corpos, nas lembranças, nos gestos e nas possibilidades de invenção. O objetivo deste artigo é analisar de que modo memórias dos quintais, brincadeiras, narrativas familiares e exploração de objetos participam da produção de saberes e dos processos de criação teatral coletiva entre crianças do bairro Bela Vista, discutindo possibilidades de diálogo entre cultura popular, artes da cena e educação.

METODOLOGIA

A investigação tem abordagem qualitativa e articula observação participante, pesquisa participante e procedimentos de pesquisa-ação. Essas aproximações orientam a atenção para os sujeitos, suas experiências e os sentidos produzidos nas práticas compartilhadas. Brandão (1984) discute a pesquisa participante como campo que demanda relação comprometida com os contextos e sujeitos envolvidos; Thiollent (2011), por sua vez, destaca a relação entre

ISSN: 2358-8829

investigação e ação em situações sociais concretas. Neste trabalho, tais referências sustentam uma postura de escuta, participação e reflexão sobre as práticas, sem pressupor que a participação elimine a necessidade de análise crítica.

O percurso foi desenvolvido em cinco oficinas vinculadas ao PETEC, realizadas entre setembro e outubro de 2026, aos sábados à tarde, no Ponto de Cultura do projeto, cada uma com duração de quatro horas. Participaram crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, com presença da equipe técnico-pedagógica nas atividades. As propostas envolveram rodas de conversa, partilhas de experiências, desenhos, observação de objetos, experimentações corporais e jogos de criação teatral. A análise focaliza episódios registrados no percurso e nas narrativas compartilhadas durante as oficinas, sem pretender representar estatisticamente o conjunto das crianças ou de suas famílias.

A leitura do material foi organizada em quatro eixos: (1) memória e território; (2) oralidade, escrita e transmissão de narrativas; (3) corpo, brincadeira e teatralidade; e (4) criação coletiva e ressignificação dos objetos. Esses eixos constituem categorias interpretativas construídas para a discussão das experiências. A germinografia cultural orientou a atenção aos vestígios de memória, aos gestos, às narrativas e às relações que emergiram no processo, enquanto a noção de sabedoria diagenésica ajudou a reconhecer a convivência entre saberes familiares, infantis, comunitários e artísticos, sem hierarquizá-los previamente.

Para preservar a identidade da criança de dez anos cujo relato é analisado em uma das situações, utiliza-se o pseudônimo Aurora. A análise prioriza as experiências e as produções compartilhadas nas oficinas, evitando informações pessoais que permitam sua identificação. As descrições são interpretativas e situadas; não se pretende generalizar os episódios para todas as crianças do bairro, nem atribuir às atividades efeitos que não tenham sido observados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação popular de Paulo Freire oferece uma base para compreender a experiência cotidiana como dimensão relevante da produção de conhecimento. Em A importância do ato de ler, Freire (1989) relaciona a leitura da palavra à leitura do mundo, enfatizando que a compreensão do escrito não deve ser apartada das experiências vividas. O autor sintetiza essa relação nos seguintes termos: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1989, p. 9).

ISSN: 2358-8829

Na arte-educação, Barbosa (2014) defende a importância de contextualizar a experiência artística e relacionar fazer, leitura e reflexão. Esse princípio permite abordar desenhos, objetos e imagens produzidas pelas crianças como manifestações que podem ser observadas e discutidas, e não apenas como produtos decorativos. A análise precisa considerar as circunstâncias em que foram criados, as histórias que os acompanham e os sentidos atribuídos por quem os produziu.

Boal (1975), ao sistematizar princípios do Teatro do Oprimido, desloca a compreensão da cena para além da representação convencional e atribui relevância à ação e à participação. No recorte desta pesquisa, a referência ao teatro-imagem é mobilizada para interpretar exercícios em que as crianças compõem imagens corporais, congelam movimentos e exploram diferentes relações entre corpo, objeto e espaço. A aproximação é analítica: não se afirma que toda atividade descrita constitua uma aplicação integral do método de Boal, mas que alguns de seus princípios ajudam a compreender a potência expressiva da imagem construída coletivamente.

Lopes (1981), em Pega Teatro, e Spolin (2001), em Improvisação para o teatro, oferecem referências para pensar o jogo como estrutura de experimentação e criação. O jogo teatral pode organizar atenção, escuta, relação espacial, disponibilidade corporal e negociação de propostas. Isso não significa que a brincadeira espontânea de uma criança seja automaticamente uma atividade teatral; significa que as oficinas podem acolher a experiência lúdica e criar condições para sua transformação em material cênico.

As contribuições de Antônio Bispo dos Santos (2023), Ailton Krenak (2019) e Daniel Munduruku (2012) ajudam a questionar hierarquias que desqualificam conhecimentos comunitários, orais e territorialmente situados. Seus trabalhos, contudo, partem de trajetórias e campos de reflexão específicos a partir da contracolonialidade e saberes quilombolas, crítica à separação entre humanidade e natureza, e história e caráter educativo do movimento indígena brasileiro. Por isso, o artigo não os funde em uma categoria genérica de “pensamento tradicional”; aproxima suas contribuições com cuidado, reconhecendo a diversidade de experiências e perspectivas.

O conceito de Quintal-Corpo oferece uma chave de leitura para compreender como as experiências do território são incorporadas e reelaboradas em gestos, lembranças e imagens. Articulada à germinografia cultural e à sabedoria diagenésica, essa perspectiva permite observar a mistura de saberes que emerge quando memórias familiares, objetos cotidianos, imaginação infantil e práticas teatrais se encontram. As oficinas mostraram que as crianças puderam conhecer e partilhar aspectos de si e de seu entorno, fortalecendo vínculos entre

ISSN: 2358-8829

experiência, expressão e criação, sem que a brincadeira precisasse ser convertida em exercício escolar fechado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A brincadeira familiar como memória, narrativa e experiência de leitura

Uma das experiências analisadas surgiu quando Aurora, criança de dez anos, apresentou um desenho de uma brincadeira vivida com o pai e a irmã, que recordava como especialmente divertida: um acampamento noturno acompanhado de uma caça ao tesouro. Conforme o relato compartilhado, o pai escondia objetos em diferentes lugares do quintal, inclusive em árvores e sob pedras. Com o auxílio de uma lanterna, as crianças procuravam brinquedos, alimentos e outros objetos. Depois, assistiam a filmes dentro da barraca, faziam lanches, contavam histórias e brincavam.

O episódio reúne diferentes dimensões da experiência infantil: exploração espacial, atenção aos indícios, expectativa, cooperação entre irmãs, vínculo com o pai e criação de um ambiente imaginário. O quintal torna-se um território de aventura, transformado pela noite, pela lanterna e pelos objetos escondidos. Ao ser compartilhada na oficina, a lembrança passou de experiência familiar rememorada a ocasião coletiva de escuta, narração e elaboração de sentidos. A germinografia cultural permite acompanhar esse movimento sem reduzir a memória a um dado isolado: o relato faz germinar relações entre lugar, afeto, imaginação e criação.

A narrativa incluía também fábulas e textos escritos pelo pai, entre eles um texto intitulado “Meu nome é a minha marca”. Segundo o relato, o texto apresentava uma criança chamada Duquinha que não conseguia escrever o próprio nome e abordava a situação de outras crianças que também não conseguiam escrevê-lo, propondo que o personagem fosse chamado de Du. A presença desse texto na memória da brincadeira aproxima experiência familiar, narrativa, nome próprio e escrita. O episódio não permite afirmar uma aprendizagem específica de leitura ou escrita, mas mostra que palavras e textos faziam parte do universo narrado por Aurora e estavam associados a uma experiência afetiva significativa.

A aproximação com Freire (1989) permite interpretar esse acontecimento como uma situação em que a leitura do mundo e a leitura da palavra se relacionam. A criança não apresenta a escrita isolada da vida: recorda-a no contexto de uma noite de brincadeiras, histórias e convivência. Para a prática pedagógica, o episódio sugere a possibilidade de acolher relatos familiares como pontos de partida para a escuta, a produção de desenhos, a

ISSN: 2358-8829

narração oral e a criação cênica, sem transformar a lembrança em simples pretexto para um conteúdo escolar previamente definido.

Do objeto observado à imagem cênica: corpo, imaginação e ressignificação

Em outro momento, as crianças participaram de uma prática de observação e experimentação de objetos, organizada como um círculo de cultura inspirado nos princípios da Educação Popular de Paulo Freire. Entre os materiais dispostos estavam uma bengala, um cachimbo, um objeto artesanal de origem indígena, um aviãozinho de brinquedo, um chapéu de pirata, um violão, novelos de lã e barbante, sapatos, chaveiros e outros objetos. A diversidade dos materiais permitiu que as crianças se aproximassem de elementos familiares e incomuns, observando-os sem que seus usos fossem definidos de antemão pelo adulto.

Inicialmente, as crianças observaram os objetos com atenção, identificando formas, cores, tamanhos e texturas. Depois, exploraram sons e usos convencionais e não convencionais. Em seguida, caminharam com os objetos, interromperam os movimentos em posições congeladas, trocaram materiais entre si e construíram imagens e cenas. Ao longo do exercício, as propostas não ficaram limitadas a uma sequência rígida imposta pelo pesquisador: as crianças sugeriram caminhos, negociaram combinações e estabeleceram regras para as próprias ações. A mediação adulta sustentou o espaço de experimentação, sem antecipar todas as respostas ou determinar um único modo correto de brincar.

A descrição permite reconhecer uma progressão entre observar, identificar, experimentar, transformar e compor. A observação mobilizou a atenção para características concretas dos objetos; a experimentação corporal introduziu movimento e som; a troca entre participantes alterou as possibilidades de uso; e a composição de imagens favoreceu a construção coletiva de situações cênicas. O interesse demonstrado pelas crianças nas oficinas apareceu na disposição para observar, experimentar os materiais, propor usos e participar das composições. Esse resultado é apresentado como observação do processo, não como mensuração padronizada de competências.

A referência a Boal (1975) contribui para analisar as imagens corporais como forma de expressão cênica que pode prescindir inicialmente da palavra. Os jogos teatrais de Spolin (2001) também ajudam a compreender a importância de tarefas claras, atenção ao espaço e disponibilidade para responder aos estímulos. Barbosa (2014), por sua vez, sustenta a relevância de observar e contextualizar imagens e objetos. A articulação entre esses referenciais permite analisar o exercício como experiência estética e investigativa, na qual as

ISSN: 2358-8829

crianças não apenas identificaram objetos, mas experimentaram possibilidades de transformação de seus sentidos.

O episódio dialoga com o conceito de Quintal-Corpo porque a criação emergiu da relação entre corpos, materiais e espaço compartilhado. O objeto não foi tratado apenas como adereço ou ilustração de uma história pronta: tornou-se estímulo para o movimento, a imagem e a invenção. A germinografia cultural, nesse contexto, pode ser compreendida como acompanhamento dos vestígios de criação que aparecem nos gestos, nas narrativas, nas escolhas e nas transformações realizadas pelas crianças. A sabedoria diagenésica nomeia, no horizonte desta pesquisa, a coexistência e a composição entre saberes que se encontram no processo, sem que um deles precise apagar os demais.

Cultura popular, território e relação intergeracional

Os episódios analisados apontam para a relevância das relações intergeracionais na circulação dos saberes. Na brincadeira relatada por Aurora, o pai aparece como organizador de uma experiência que combina objetos, narrativas, escrita, alimento e convivência entre irmãs. Na oficina de objetos, a diversidade material favorece a produção de imagens e sentidos que não estavam previamente definidos. Em ambos os casos, o conhecimento aparece como prática situada, compartilhada e passível de transformação, e não como conteúdo pronto a ser simplesmente transmitido.

O bairro Bela Vista, compreendido como território híbrido entre o urbano e o rural, não deve ser romantizado como espaço homogêneo ou imune a conflitos. Seu valor para a pesquisa está na possibilidade de observar como práticas cotidianas e vínculos comunitários participam da formação das crianças. A valorização da cultura popular não exige que toda experiência seja convertida em patrimônio ou que as crianças sejam tratadas como representantes de uma tradição fixa. Exige, antes, escutar como atribuem sentido às suas vivências e reconhecer que a cultura é recriada nas relações.

Nesse ponto, as reflexões de Santos (2023), Krenak (2019) e Munduruku (2012) ajudam a problematizar a hierarquização dos conhecimentos e a importância dos modos de vida, da oralidade e do território. A aproximação deve permanecer situada: a experiência de um quintal no Rio Grande do Norte não equivale às experiências quilombolas ou indígenas discutidas por esses autores. O diálogo teórico oferece perguntas para pensar reconhecimento, diversidade e colonialidade, sem apropriar-se de experiências específicas nem apagar suas diferenças.

ISSN: 2358-8829

Implicações pedagógicas e limites da análise

As experiências analisadas sugerem possibilidades de aproximação entre repertórios infantis e práticas pedagógicas: rodas de conversa que acolham lembranças familiares; desenhos acompanhados de relatos; observação de objetos por suas características sensoriais; exploração de usos convencionais e imaginados; composição de imagens corporais; e criação de cenas a partir das narrativas partilhadas. A principal contribuição metodológica observada foi a abertura de um espaço no qual as crianças puderam brincar, observar, experimentar e negociar regras entre si. A liberdade não significou ausência de mediação, mas uma organização flexível em que a atuação do pesquisador participante favoreceu a interação e evitou impor regras excessivas.

A equipe técnico-pedagógica esteve presente nas atividades e contribuiu para sustentar as condições de escuta, segurança e continuidade. Nesse contexto, a mediação adulta não substituiu as interpretações infantis por sentidos previamente determinados: procurou acompanhar as propostas, acolher as iniciativas das crianças e manter aberto o processo de investigação. A experiência indica que uma estrutura de oficina pode oferecer contorno e cuidado sem retirar das crianças a possibilidade de estabelecer combinados, alterar usos dos objetos e conduzir parte significativa da brincadeira.

A análise é qualitativa e interpretativa, centrada em episódios e observações produzidos durante cinco oficinas. Seus resultados não são generalizáveis para todas as crianças do bairro e não pretendem demonstrar efeitos duradouros ou mensurar formalmente habilidades. O foco recai sobre as possibilidades que se tornaram observáveis no próprio processo: participação, curiosidade, exploração sensorial, narração, negociação de regras e composição coletiva. Esses elementos sustentam a discussão sem converter a experiência em avaliação padronizada ou atribuir às crianças aprendizagens não verificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências vinculadas ao PETEC permite compreender os quintais como territórios nos quais memória, brincadeira, narrativa, materialidade e criação se entrelaçam. O relato de Aurora evidencia como uma brincadeira familiar pode reunir exploração do espaço, convivência, histórias e contato com a escrita. A oficina de objetos, por sua vez, mostra como observação sensorial, experimentação corporal, troca de materiais e construção de imagens podem compor um processo de criação teatral coletiva.

Os episódios não autorizam generalizações sobre todas as crianças nem permitem medir efeitos de aprendizagem a longo prazo. Permitem, contudo, reconhecer que, quando as

ISSN: 2358-8829

oficinas acolhem os repertórios das crianças e não impõem regras excessivas, ampliam-se as condições para que elas proponham, experimentem, negociem e transformem suas experiências em matéria de criação. O brinquedo, a narração e o brincar funcionaram como dispositivos disparadores da investigação, mobilizando memórias afetivas, curiosidade, observação e interação.

O conceito de Quintal-Corpo oferece uma chave de leitura para compreender como as experiências do território são incorporadas e reelaboradas em gestos, lembranças e imagens. Articulada à germinografia cultural e à sabedoria diagenésica, essa perspectiva permite observar a mistura de saberes que emerge quando memórias familiares, objetos cotidianos, imaginação infantil e práticas teatrais se encontram. As oficinas mostraram que as crianças puderam conhecer e partilhar aspectos de si e de seu entorno, fortalecendo vínculos entre experiência, expressão e criação, sem que a brincadeira precisasse ser convertida em exercício escolar fechado.

O percurso desenvolvido entre setembro e outubro de 2026 reforça a importância de metodologias participativas que reconheçam a criança como autora de suas experiências e decisões. A germinografia cultural permitiu acompanhar como lembranças, brinquedos, narrativas e objetos desencadearam ações e relações; a sabedoria diagenésica ajudou a compreender a coexistência de saberes diversos no processo. Conclui-se que as teatralidades dos quintais não pertencem apenas ao passado lembrado: permanecem vivas nas memórias afetivas e podem abrir caminhos para que as crianças reconheçam melhor a si mesmas, seus vínculos e o território em que vivem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPES, Joana. Pega Teatro. São Paulo: Centro de Teatro e Educação Popular, 1981.

MENEZES, Thazio; RODRIGUES BEZERRA, André Luiz. Teatro, educação e bem viver: práticas educacionais para a sustentabilidade. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas,

Natal, v. 7, n. 2, p. 214-237, 2024. DOI: https://doi.org/10.21680/2595-4024.2024v7n2ID36837.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2001.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.